

A FUNÇÃO SOCIAL DA BRINQUEDOTECA UNIVERSITÁRIA E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA A PERMANÊNCIA DAS MÃES-DISCENTES DO CAP/UERN NO ENSINO SUPERIOR

ANDRÉIA ARAÚJO DA NÓBREGA

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil

MADÉLYNE VITÓRIA FERNANDES DA SILVA

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Patu, Rio Grande do Norte, Brasil

ELIANE ROSE MAIO

Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, Paraná, Brasil

RESUMO: Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender a função da Brinquedoteca sob a perspectiva de três mulheres mães/discentes do curso de Pedagogia do CAP-UERN. Como objetivos específicos: traçar um breve histórico da inserção das mulheres no Ensino Superior; compreender o que são e como funcionam as brinquedotecas universitárias; explicitar os sentidos atribuídos pelas mães/discentes à Brinquedoteca do CAP-UERN. Para tanto, realizamos uma pesquisa exploratória nos meses de outubro e novembro de 2023, por meio de entrevistas, com análise qualitativa dos dados. O aporte teórico está fundamentado em Lev Semenovich Vygotsky (1978;1987), Guacira Lopes Louro (1997; 2004), Lucídio Bianchetti (2014) e Ana Cássia Alves Cunha; Geórgia Paiva (2024). Assim, este trabalho busca contribuir com as pesquisas do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual e Gênero (NUDISEX). Como resultado, percebemos que as mães/discentes expressam alguns anseios acerca da maternidade e da vida acadêmica, entretanto, todas relatam satisfação em ter essa rede de apoio para que consigam concluir a formação desejada no ensino superior.

PALAVRAS-CHAVE: Permanência; Mães/Discentes Universitárias; Maternidade; Brinquedoteca.

INTRODUÇÃO

A sociedade capitalista gestou um modo de vida “superprodutivo” em que, na maior parte do tempo, os/as jovens precisam conciliar trabalho, estudos e vida pessoal de forma “integral”. Tal fato gerou a necessidade de uma discussão mais aprofundada sobre as políticas de permanência de estudantes no Ensino Superior, tema que, nos últimos anos, tem ganhado a atenção de educadores/as, cientistas e da sociedade civil. No entanto, essa sobrecarga incide, sobretudo, sobre as estudantes que são mães. São muitas as reclamações, absolutamente plausíveis, acerca da falta de apoio para lidar com o excesso de responsabilidades.

Muitas dessas mães sequer dispõem de condições financeiras para custear uma diarista ou cuidadora para os/as filhos/as, e, por vezes, acabam levando as crianças para

a sala de aula. Entretanto, existem ações que podem auxiliar na trajetória acadêmica dessas estudantes durante o período de graduação.

Nesse sentido, observamos que o processo de ensino e aprendizagem requer frequentes inovações e ajustamentos às necessidades humanas, de diferentes naturezas, para que se consolide de maneira plena: uma delas diz respeito ao funcionamento das brinquedotecas como espaços facilitadores dentro das universidades.

Diante disso, propomos o seguinte questionamento: qual a contribuição da brinquedoteca do *Campus* Avançado de Patu (CAP) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) como ferramenta para a permanência das mães/discentes no Ensino Superior? A fim de aprofundar esse olhar sobre o referido laboratório, este estudo tem como objetivo geral compreender a função social da Brinquedoteca sob a perspectiva das mães/discentes. Como objetivos específicos, propomos: (i) traçar um breve histórico da inserção das mulheres no Ensino Superior; (ii) compreender o que são e como funcionam as brinquedotecas universitárias; e (iii) explicitar os sentidos atribuídos pelas mães/discentes à brinquedoteca do CAP-UERN.

As motivações para realizar esta pesquisa estão ancoradas na atuação no estágio não obrigatório da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) realizado na Brinquedoteca do CAP. No ano de 2023, ao atuarmos conjuntamente nesse espaço, as vivências e as oportunidades de contato direto com as pessoas que frequentam o local despertaram nosso interesse em desenvolver uma pesquisa nessa perspectiva. Soma-se a isso a compreensão de que é dever dos/as educadores/as e da sociedade discutir, de forma contínua, a relação entre maternidade e formação acadêmica.

Esta temática tem suscitado debates relevantes na comunidade científica. Como exemplo, destacamos as discussões promovidas pela página do *Instagram* @parentinscience¹, que há algum tempo vem fomentando diálogos entre mães cientistas e a sociedade. Por fim, este trabalho busca, também, contribuir com os aspectos teórico-metodológicos das pesquisas em gênero desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Diversidade Sexual e Gênero (NUDISEX) da Universidade Estadual de Maringá (UEM), do qual fazemos parte como pesquisadoras.

Este estudo fundamenta-se, teoricamente, nas contribuições de Alain Coulón (2008) e Lucídio Bianchetti (2014) acerca da etapa do Ensino Superior. No campo dos estudos de gênero, fundamentamo-nos nos trabalhos de Guacira Lopes Louro (1997; 2004), Naiane Vieira dos Reis (2020), Ana Cássia Alves Cunha, Geórgia Maria Feitosa e Paiva (2024) e Geórgia Linhares Cardoso Lobão (2023). E, também, nas abordagens e concepções de Lev Vygotsky (1978; 1987) entre outros/as autores/as que refletem sobre o brincar e a brinquedoteca como espaços fundamentais para o desenvolvimento infantil por meio da ludicidade.

A VIDA UNIVERSITÁRIA DAS MULHERES: ALGUMAS REFLEXÕES

Ao examinarmos a história do Ensino Superior no Brasil, observamos que esse nível de ensino surgiu tardiamente, assim como sua constituição e expansão ocorreram de forma bastante lenta.

De acordo com Lucídio Bianchetti (2014), os primeiros e tímidos passos foram dados com a chegada da família real portuguesa à colônia, em sua fuga do exército de Napoleão². Essa lenta expansão, por sua vez, teve início apenas na segunda metade do século XX, com a implantação do regime ditatorial militar de 1964³.

Desde o período pós-Idade Moderna, os cursos superiores tinham como objetivo atender às necessidades dos/as filhos/as dos/as colonos/as e, posteriormente, em sua fase de “ampliação”, passaram a ter um caráter estritamente utilitarista, voltado às classes mais altas, promovendo, assim, a escolarização de apenas uma parcela da população.

As mulheres só conquistaram o direito de acessar o Ensino Superior por volta do final do século XIX, aproximadamente no ano de 1881. No entanto, segundo Maria Lúcia Aranha (2006, p. 230), esse acesso se deu de forma excludente:

De qualquer forma as mulheres achavam-se excluídas da possibilidade de acesso aos cursos superiores, mesmo que se preparassem adequadamente em escolas particulares ou com preceptores. Isto porque para tal não se exigiam diplomas, mas era necessário fazer os exames preparatórios aplicado pelo colégio D. Pedro II, destinado exclusivamente ao público masculino.

Ao gênero feminino foi negado, por muito tempo, o direito de estudar e, quando passou a ser permitido, estava majoritariamente vinculado à educação doméstica, aos afazeres do lar e aos cuidados com os/as filhos/as. Ou seja, negava-se às mulheres o acesso à educação formal, restringindo sua atuação ao exercício dos papéis de esposas e mães. Dessa forma, esperava-se que fossem educadas apenas para o ambiente privado, mas não instruídas em conhecimentos formais ou profissionais. Nesse sentido:

Na opinião de muitos, não havia por que mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser em primeiro lugar, a mãe o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro (Louro, 1997, p. 46).

Somente no fim do século XX presenciamos o crescimento do número de cursos de licenciatura, tendo sua maior oferta no início do século XXI, após uma série de investimentos que proporcionaram a interiorização dos cursos de formação de professores/as. Nesse período, houve também uma onda crescente de mercantilização das universidades por meio da iniciativa privada, que viu nos cursos de graduação privados uma fonte de lucros exorbitantes (Bianchetti, 2014).

Alain Coulón (2008, p. 1241) afirma que:

No âmbito do ensino superior público, essas mudanças foram sistematizadas sob o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que data de 2008 e caracterizou-se pelos seguintes aspectos: • Adoção de cotas étnicas e raciais e de cotas para jovens egressos do ensino médio público; • Implantação

do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) como forma de admissão em um número crescente de instituições públicas de ensino superior; • Expansão, em nível nacional, do Sistema de Seleção Unificada (Sisu); • Multiplicação, no interior do país e não apenas nas grandes capitais regionais, de instituições que oferecem formação superior, seja mediante a criação de novas universidades, seja pela criação de novos campi de instituições já existentes.

A partir da expansão do Ensino Superior e dos cursos de licenciatura, intensificada após a democratização do acesso à escola pública e as tentativas de melhoria da qualidade da educação básica, muitas mulheres passaram a ingressar nas universidades em busca de formação e especialização que atendessem às demandas da sociedade e do mercado de trabalho. Guacira Lopes Louro (2004, p. 471) reitera que “as últimas décadas do século XIX apontam [...] para a necessidade de educação para a mulher, vinculando-a à modernização da sociedade, à higienização da família, à construção da cidadania dos jovens”.

Entretanto, tal conquista só foi possível em razão das “Ondas Feministas”, que vêm se desenvolvendo ao longo da história. Desde o período pós-Idade Moderna até os dias atuais, inúmeras lutas têm sido protagonizadas por mulheres por meio de mobilizações e protestos, distribuídos em quatro ondas distintas. Nesses movimentos, reivindicam-se, entre outros, o direito à educação de qualidade e a inserção plena no meio acadêmico.

Conforme Geórgia Lobão (2023, p. 20), “contudo, vale ressaltar que, apesar de não ter havido uma unificação de ideais em vários momentos, todas as Ondas e lutas foram de contribuição fundamental para as conquistas femininas que já foram realizadas e que ainda serão”. A autora enfatiza que cada “Onda” traz reivindicações específicas - como o direito ao voto (sufrágio), a divisão equitativa do trabalho, a igualdade de gênero, a liberdade sexual, a segurança contra diversas formas de violência, bem como a criação de legislações protetivas, e o enfrentamento do sexismo e do machismo. Com o tempo, tais pautas foram incorporando também discussões sobre diversidade étnico-racial e sexual, ampliando o olhar para mulheres que frequentemente se encontram em situações de maior vulnerabilidade social e econômica, sujeitas a múltiplas formas de opressão, como racismo, lesbofobia, transfobia, entre outros preconceitos.

Atualmente, vivemos o que se denomina “Quarta Onda” ou “Feminismo Digital”. Nesse sentido, Lobão (2023, p. 20) a define como:

A mais recente Onda do Movimento Feminista, a Quarta Onda, surgiu em 2012, e foi marcada especialmente pelo uso das ferramentas tecnológicas a favor do Feminismo. Com o uso das redes sociais e dos blogs, mulheres *millenials* jogaram-se na luta mais uma vez, fazendo pleno uso das mídias sociais para dar voz e contribuir com a luta feminista, pois, apesar de viverem em uma sociedade na qual o Feminismo, na teoria, já estava bem estabelecido, na prática, a igualdade de gênero não correspondia a essa ideia.

Assim, seja por meio do uso de ferramentas digitais de comunicação e informação, seja por meio de protestos nas ruas, nós, mulheres, seguimos na busca pela tão sonhada e ainda difícil equidade, uma vez que há, ainda, muito a ser conquistado. No entanto, é perceptível que, à medida que a sociedade se transforma e vamos ocupando novos espaços, também surgem novas necessidades e reivindicações. Os direitos que conquistamos ao longo do tempo implicam, igualmente, na criação e na reformulação de políticas de amparo às mulheres, de modo a garantir que a equidade se concretize na prática.

Sylvia Cristina de Azevedo Vitti (2025, p. 144) ressalta que as desigualdades de acesso à graduação, e fatores diversos que dificultam ao/à estudante concluir seu curso, resultam em necessidades particulares que podem ser minimizadas através da assistência estudantil.

Para Vitti (2025, p. 144) [*apud* Carlos Cury (2002)]:

Para muitos estudantes, especialmente para aqueles em situação de vulnerabilidade socioeconômica, além das dificuldades para acessar o ensino superior, existem as dificuldades para permanecer na instituição em seus cursos de graduação, decorrentes das desigualdades de capital econômico, social e cultural. Nas últimas décadas, Políticas Públicas educacionais de inclusão e ações afirmativas foram propostas para o ensino superior, na tentativa de ampliar o acesso e favorecer a permanência dos estudantes neste grau de ensino (Cury, 2002).

A título de exemplo dessas políticas, destaca-se a interiorização dos cursos de licenciatura, sobretudo na modalidade de Educação à Distância, por permitir que os/as estudantes possam cursar a graduação de acordo com suas necessidades, gerenciando de forma mais autônoma os horários das aulas e dos estudos, bem como a realização das avaliações, garantindo condições para a sua permanência.

Essa interiorização ocorreu por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), que, segundo Priscila Soares dos Santos, Lázaro Cezar Dias e Carlos Eduardo de Freitas Vian (2024, p. 7), foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, e tinha como objetivo:

i) expansão do ensino superior público no Brasil através de um processo de interiorização, ii) aumento do número de estudantes de graduação e de estudantes por professor em cada sala de aula da graduação, iii) diversificação das modalidades dos cursos de graduação através do Ensino à Distância (EAD, iv) criação de cursos de baixa duração, v) flexibilização dos currículos e vi) estímulo a mobilidade estudantil entre as instituições de ensino. A proposta do REUNI perpassa questões como a criação de condições de expansão e reestruturação física e pedagógica das universidades federais, assim como a adoção de estratégias para o aumento da oferta de vagas nas instituições brasileiras.

Nesse cenário, muitos/as estudantes em situação de vulnerabilidade social passaram a ingressar nos cursos de licenciatura, em razão da flexibilização

proporcionada pelos cursos à distância ou semipresenciais, nos quais a presença desses/as estudantes na universidade ocorre de forma esporádica.

Dessa forma, embora o acesso ao Ensino Superior seja hoje um direito conquistado, um dos desafios atuais diz respeito às condições de permanência nos cursos de graduação, entendida como “a ação de permanecer e concluir os estudos, enfrentando e superando as dificuldades ou obstáculos que possam surgir durante o trajeto acadêmico, tendo como meta a graduação” (Vitti, 2025, p. 147).

Inserção e permanência das mães/discentes no ensino superior

Ana Cunha e Geórgia Paiva (2024, p. 2) ressaltam que uma pesquisa publicada pelo Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Estudantis (FONAPRACE) em 2019 constatou:

De fato, com as políticas de ações afirmativas, houve uma mudança no perfil dos/as estudantes. Destes, somente na região Nordeste, os/as pardos/as representam 50,03% dos/as estudantes no ensino superior, os/as que se afirmaram como pretos/as 15%, quilombolas 1,0% e indígenas (aldeados e não aldeados) 0,9%. Do mesmo modo, o quantitativo de mulheres também aumentou, tornando-nos a maioria.

No estado do Rio Grande do Norte, segundo dados do IBGE apontados no jornal “O POTINEWS”:

O Censo mostrou que as mulheres potiguaras estão mais presentes no ensino superior do que os homens. Em 2022, 8,35% delas tinham graduação completa, contra 5,25% dos homens. No Brasil, os índices foram de 9,96% para mulheres e 6,79% para homens. Entre os cursos de pós-graduação, as mulheres também lideram. No Rio Grande do Norte, elas representam a maioria no mestrado (1,1% contra 0,74%) e no doutorado (0,53% contra 0,43%). Em Natal, essa diferença foi ainda maior, com 1,69% das mulheres em mestrado e 1,01% no doutorado, enquanto entre os homens os percentuais foram de 0,97% e 0,63%.

Esses dados revelam uma maior presença das mulheres no meio acadêmico no geral, desde os cursos de graduação até o nível de Doutorado. Dito isso, subentende-se que é comum que uma grande parte delas já sejam mães e que estejam conciliando as obrigações da vida universitária com a responsabilidade da maternidade para “dar conta”.

Ainda de acordo com Cunha e Paiva (2024, p. 1712-1713):

O que se percebe é que o ensino superior para as mulheres mães é composto por desafios. No mesmo estudo apresenta que 60% das estudantes dos cursos superiores possuem pelo menos um filho (a),

sendo a maioria solteira (68,5%). Um dado alarmante deste estudo sugere que para as mulheres, “à medida que cresce o número de filhos (as) diminui o percentual de estudantes deste sexo, o que indica que maternidade e vida acadêmica são mais difíceis de conciliar”.

Entendemos, portanto, que muitas dessas mães não conseguem aliar as responsabilidades maternas e a vida acadêmica, por isso, podem ocorrer desistências, comprometendo a permanência dessas jovens na universidade, de modo que elas não consigam concluir a tão sonhada graduação. A esse respeito, Naiane Reis (2020, p.63) diz que:

A dimensão do tempo está aí marcada não apenas pela divisão do dia para a realização de atividades, que pode ser marcado pelo conflito da sobreposição de afazeres que se coincidem, mas também reflete no próprio corpo que sente, já que a demanda de serviço doméstico, de cuidado com o filho e do trabalho remunerado também impacta no modo como esse sujeito relaciona-se com um exercício de estudo, de atividade intelectual.

Partindo da fala da autora, podemos afirmar que, para uma jovem mãe discente, o trabalho é sempre redobrado, uma vez que se acumulam as responsabilidades com os afazeres domésticos, a maternidade, a vida profissional e as demandas da universidade. Essa sobrecarga ocorre, em grande parte, devido à mudança de rotina imposta pelo Ensino Superior, que se apresenta como um contexto significativamente diferente daquele vivenciado no Ensino Médio.

Coulón (2008, p.1242) observa, há mais de uma década, que “o problema, portanto, não é mais entrar na universidade, o problema é permanecer na universidade e ter sucesso no percurso formativo”.Ademais, o autor evidencia:

Querer que os estudantes tenham sucesso não depende apenas de um humanismo simpático, mas também de um conjunto de fenômenos raramente considerados quando falamos de fracasso universitário: sofrimento psicológico dos estudantes em situação de fracasso (e de seus familiares), desperdício econômico (recursos alocados que não são eficientes e investimentos feitos em vão), menor elevação do nível de qualificação da população em geral etc. Esses fracassos representam, então, uma perda societal global importante(Coulón, 2008, p. 1242-1243).

Trazendo essa análise para o campo do gênero, temos que a maternidade pode constituir um dos fatores de sofrimento psicológico para muitas estudantes, uma vez que as discentes se encontram sem tempo e meios de se apropriarem do saber diante da nova demanda de atividades acadêmicas que a universidade exige.

Para Bianchetti (2014, p.76) a constituição do *homo academicus*, conforme expressão de Pierre Bourdieu (2013) pressupõe uma trajetória escolar e universitária e uma formação sólida, “que desafiem ao engajamento institucional e social dos/as

incluídos/as no sistema educacional, de quem se espera uma postura de intelectual na acepção atribuída a este termo pelo autor”.

Estar na universidade requer dos/as estudantes, para além da formação intelectual e profissional, um compromisso constante com a construção do conhecimento. Para aqueles/as que se dedicam a esse processo, o horário de dormir muitas vezes se torna o único tempo disponível para realizar leituras e cumprir as atividades acadêmicas. Isso faz com que, atualmente, seja muito comum, nas conversas com universitárias, ouvirmos desabaços de diferentes naturezas, especialmente sobre as dificuldades em conciliar trabalho, universidade e os cuidados com os/as filhos/as. Diante dessas considerações, cabe questionar: a entrada e a permanência das mulheres na universidade ocorrem, de fato, em condições de igualdade?

Dessa forma, pressupomos que é fundamental promover ações que estimulem a permanência no Ensino Superior. Isso significa criar condições efetivas para que as mulheres tenham as mesmas oportunidades que os homens no meio acadêmico, considerando que é notório que muitas estudantes, especialmente aquelas que são mães, enfrentam desafios adicionais em sua trajetória universitária.

Nas palavras de Ana Maria Urpia e Sonia Maria Sampaio (2009, p. 164):

Desse modo, as políticas que pretendem funcionar como ação facilitadora da permanência dos estudantes não podem deixar de incluir e reconhecer as mulheres como grupo social em desvantagem de permanência ou desempenho, quando na condição de mães. Este aspecto é de fundamental importância para a inclusão de pautas reivindicatórias voltadas para o conjunto da população universitária feminina, e que possam contribuir, por exemplo, para dar visibilidade às demandas das estudantes que se tornam mães no percurso da formação superior.

De forma geral, o direito ao apoio e à permanência das mães universitárias deve estar em pauta entre toda a comunidade acadêmica, de modo que sejam desenvolvidos projetos que dialoguem com a ideia de um ensino verdadeiramente democrático, oportunizando a continuidade e a progressão dos estudos dessas mulheres, além de tornar o ambiente universitário mais acolhedor e inclusivo.

Nesse sentido, como exemplo de ferramenta capaz de promover a permanência das discentes/mães universitárias no ensino presencial, destacam-se as brinquedotecas universitárias, que, quando bem estruturadas e organizadas, tornam-se espaços adequados para acolher as crianças, assegurando seu bem-estar e oferecendo acompanhamento enquanto suas mães participam das atividades acadêmicas.

Considerações sobre as brinquedotecas universitárias

As brinquedotecas universitárias são espaços educativos que funcionam de forma institucionalizada, que podem ofertar e fomentar atividades diversas (ensino, pesquisa e extensão). Por meio delas, os/as docentes e discentes, especialmente dos cursos de Pedagogia, podem realizar estágios não-obrigatórios, pesquisas, cursos,

projetos de extensão, oficinas, monitorias e outras atividades de cunho acadêmico e científico.

Enquanto um ambiente que recebe, acompanha e observa as crianças, o local deve garantir conforto, segurança e cuidado por meio do brincar, proporcionando atividades lúdicas e recreativas para os/as pequenos/as, constituindo-se em um ambiente que oferece aos/as discentes a possibilidade de observar comportamentos e interações e desenvolver seus estudos e análises acerca da prática, configurando como um campo para a experimentação do brincar.

Nessa perspectiva, o/a graduando/a em Pedagogia pode atuar em uma brinquedoteca como um/a estagiário/a, monitor/a ou pesquisador/a que passa o seu contraturno neste espaço desenvolvendo atividades lúdicas, experiências e brincadeiras que impulsionem o desenvolvimento cognitivo e os aspectos sensório-motores da criança de forma que ela aprenda brincando sem que perceba. Sob esse viés:

Quando falamos da brinquedoteca, logo remetemos o nosso pensamento a crianças, lúdico, brincar, brinquedo e brincadeira. Logo vem à mente situações com atividades que permitam as crianças um maior e melhor desenvolvimento, seja ele cognitivo, motor, social ou afetivo. Ao brincar as crianças interagem umas com as outras, estimulando assim a sua criatividade, autoconfiança, autonomia e curiosidade, o que pode resultar em uma maturação da criança no que se diz respeito a aquisição de novos conhecimentos (Zorze, 2012, p.15).

Sob o ponto de vista da autora, compreende-se que é impossível pensar na criança sem considerar o brincar como elemento essencial para a preservação da infância. Durante sua permanência na brinquedoteca universitária, para que a criança aprenda de forma significativa, é indispensável que os/as estagiários/as do curso de Pedagogia utilizem a ludicidade como principal ferramenta pedagógica.

Nesse sentido, a brincadeira, seja livre ou dirigida, deve estar sempre presente nas atividades cotidianas das crianças, pois “brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos” (Vygotsky, 1987, p.37). Sob a perspectiva de Lev Vygotsky (1987), compreendemos que, nas brinquedotecas universitárias, quando há a mediação de um/a estagiário/a do curso de Pedagogia, as crianças conseguem socializar e desenvolver relações saudáveis umas com as outras. Aprendem, assim, a compartilhar e a zelar pelos brinquedos, compreendendo que esses materiais são de todos/as e para todos/as. Além disso, a brinquedoteca contribui significativamente para a formação de leitores/as, por meio de atividades como a contação de histórias e o teatro de fantoches, promovendo, de forma lúdica, o desenvolvimento da linguagem e da expressão oral.

METODOLOGIA

Para compreendermos a função da Brinquedoteca do CAP, realizamos uma pesquisa de cunho exploratório, pois além de ser um método considerado bastante

importante para a pesquisa em Educação, permite também que se construa um entendimento inicial de um ambiente tão rico de discussões para a universidade e a sociedade. Nesse tipo de pesquisa utilizam-se diferentes abordagens e métodos para produzir dados, com intuito de gerar outros questionamentos que possam guiar estudos mais aprofundados no futuro e por fim, ter uma melhor adequação a realidade. Assim:

Na abordagem qualitativa, a pesquisa exploratória –ou estudo exploratório –tem o objetivo de conhecer o fenômeno estudado tal como ele se apresenta ou acontece no contexto em que está inserido. E para esse tipo de investigação, na área das Ciências Humanas e Sociais, o enfoque qualitativo permite melhor compreensão do comportamento humano e do contexto social (Löshet *et al.*, 2023, p. 3).

As motivações para realizar esta pesquisa partiram da atuação no estágio não obrigatório da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) realizado na Brinquedoteca do CAP de janeiro a dezembro de 2023. Enquanto estagiária e supervisora de estágio não-obrigatório percebe-se que as vivências e as oportunidades de contato direto com as pessoas que frequentam o local eram relevantes para o desenvolvimento de um estudo nessa perspectiva. Soma-se a isso a compreensão de que é dever dos/as educadores/as e da sociedade discutir, de forma contínua, a relação entre maternidade e formação acadêmica.

Dessa forma, realizamos uma pesquisa de campo, por meio de entrevistas com três mães discentes da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (CAP-UERN), cujos filhos/as estão inscritos no projeto da Brinquedoteca, desenvolvido no curso de Pedagogia da referida instituição de ensino. Essa etapa consistiu na aplicação de um questionário escrito, composto por perguntas abertas, e na realização de entrevistas, com o objetivo de compreender como essas mães percebem esse espaço, bem como suas impressões acerca da contribuição que o laboratório proporciona tanto para elas quanto para o desenvolvimento de seus filhos e filhas.

Considerando que este estudo tem como foco central discutir a permanência de alunas do CAP-UERN que também exercem a maternidade, optou-se por não ampliar a análise para outras categorias ou variáveis. Em relação ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), a não submissão ocorreu em função do caráter espontâneo e posterior da sistematização da experiência vivida.

Ressalta-se que as entrevistas foram realizadas nos meses de outubro e novembro de 2023. Desse modo, é possível que, atualmente, algumas informações, como a quantidade de participantes e de mães beneficiadas, tenham sido modificadas, assim como a natureza do projeto institucional ao qual a Brinquedoteca está vinculada. Os dados produzidos e a análise realizada refletem, portanto, uma amostra da realidade da Brinquedoteca universitária do CAP-UERN no período da pesquisa, de modo que as informações e considerações apresentadas estão circunscritas ao contexto específico em que o estudo foi desenvolvido.

BRINQUEDOTECA– CAP-UERN: UMA ANÁLISE DA VISÃO DAS MÃES/DISCENTES

A Brinquedoteca CAP/UERN é uma iniciativa do curso de Licenciatura em Pedagogia e foi instituída oficialmente desde o ano de 2018. Funciona diariamente desenvolvendo atividades laboratoriais para que os/as alunos/as do curso de licenciatura em Pedagogia possam analisar e investigar o valor do brinquedo e das brincadeiras no desenvolvimento das crianças que frequentam o espaço. Todas as crianças precisam ser inscritas pelos/as responsáveis para participarem das atividades nesse espaço e serem acompanhadas pelos/as estagiários/as. Nesse contexto, a Brinquedoteca CAP/UERN tem como objetivo proporcionar aos/as discentes e docentes o desenvolvimento de estudos e projetos vinculados à prática pedagógica, à construção de materiais, à elaboração de propostas e à reflexão sobre temáticas relacionadas aos conteúdos curriculares. A seguir, apresenta-se um quadro-resumo do perfil desse laboratório:

Quadro 1- Caracterizando a Brinquedoteca do CAP-UERN

CAMPUS DA UERN	Projeto Institucional	Abordagem Metodológica	Número de Pessoas Beneficiadas	Participantes
CAP	Projeto de extensão, Projeto de Ensino, Estágio não obrigatório e Laboratório	Atendimento diário às crianças, encontros semanais com as coordenadoras e oficinas temáticas	No momento da pesquisa, 20 crianças eram atendidas (nem todas frequentam diariamente)	Crianças filhas dos/as servidores/as, funcionários/as e estudantes do Campus Avançado de Patu;

Fonte: As autoras, 2025.

Observamos que tal Laboratório desenvolve múltiplas ações institucionalizadas– tanto na área de ensino quanto de extensão. Desde 2018 recebemos um projeto de ensino em que se viabiliza um estágio não obrigatório, permitindo que as mães levem os/as pequenos/as de segunda a sexta, durante os turnos matutino e noturno. No caso das alunas e professoras do Programa Nacional de Formação de Professores da Rede Básica(PARFOR), também ocorre aos sábados. Em 2023, foi realizada também uma capacitação das estagiárias por meio da extensão, com foco, especialmente no acolhimento das crianças com deficiência. Essa formação ocorreu por meio de oficinas semanais ministradas pelos/as docentes dos cursos de Licenciatura do próprio Campus. Ao todo, recebemos 20 crianças, filhos/as dos/as servidores/as, funcionários/as e estudantes do Campus Avançado de Patu.

Dando prosseguimento, apresentamos os dados produzidos por meio de um questionário estruturado, aplicado às mães/discentes do curso de licenciatura em Pedagogia, considerando que o foco da pesquisa é analisar a permanência dessas alunas no Ensino Superior. Entrevistamos três mães/discentes: MÃE 1–é estudante do 6º período, tem 24 anos,foi mãe antes da graduação e a criança frequenta a Brinquedoteca há dois anos; MÃE 2 – está cursando o 8º período, tem 26 anos, foi mãe antes da

graduação e as crianças frequentam a Brinquedoteca há dois anos; MÃE 3– é aluna do 2º período do PARFOR, tem 41 anos, foi mãe antes da graduação e a criança frequenta a Brinquedoteca há um ano. As crianças dessas participantes têm entre 3 e 8 anos. Ressaltamos que os nomes das discentes foram preservados. O questionário aplicado continha mais de dez perguntas, no entanto, para este artigo, selecionamos apenas quatro questões, consideradas mais pertinentes à análise no contexto do *lócus* da pesquisa. Para identificação e preservação da identidade no texto, as participantes foram denominadas como MÃE 1, MÃE 2 e MÃE 3. A análise considerou as respostas mais relevantes em relação à temática proposta neste trabalho.

Em relação aos **desafios que as estudantes enfrentam ao levarem o/a filho/a enquanto estudam**, as participantes relataram que:

“É difícil trazer uma criança para a universidade por causa da distância, por ser à noite e até mesmo por ela dormir cedo. Mas me sinto segura em saber que minha filha está se divertindo e brincando perto de mim” (MÃE 1);

“Nenhum, pois tenho a certeza de que lá eles estão sendo bem cuidados” (MÃE 2);

“Deixá-lo lá, de certa forma fico preocupada com o comportamento dele e também por que ele não se adapta com qualquer pessoa” (MÃE 3).

Percebemos que, na visão das mães/discentes entrevistadas, a Brinquedoteca é um ambiente seguro para os/as seus/suas filhos/as. Nesse sentido, a MÃE 1 relatou enfrentar desafios pelo fato de morar em outro município, considerando o deslocamento até a universidade à noite. No entanto, em relação à Brinquedoteca, afirma que se sente segura por deixar seu filho no espaço. Por sua vez, a MÃE 2 destacou que não enfrenta nenhum desafio ao trazer os/as filhos/as para Brinquedoteca, visto que reconhece que seus filhos/as se sentem bem acolhidos/as no ambiente e são devidamente cuidados/as pelas estagiárias. A MÃE 3 mencionou certa dificuldade em deixar a criança na Brinquedoteca, sobretudo em razão de preocupações com o comportamento do seu filho e à sua dificuldade de adaptação com pessoas que não fazem parte de seu convívio habitual.

Vygotsky (1978), em seus estudos, enfatiza o papel primordial do ato de brincar para o desenvolvimento físico, motor e cognitivo da criança. Assim, compreendemos que as mães entrevistadas se sentem mais seguras e confiantes ao deixar seus filhos no espaço, uma vez que estes participam de atividades lúdicas que contribuem diretamente para seu desenvolvimento integral, sob os cuidados das estagiárias da Brinquedoteca.

Acerca da **relevância da Brinquedoteca** nas vidas das estudantes, elas responderam que:

“A mesma se torna muito importante por funcionar como um amparo para quem necessita trabalhar ou estudar e não tem com

quem deixar seus filhos, de certa forma se torna uma rede de apoio e estímulo para não desistir de trabalhar e estudar” (MÃE 1);

“Ela é de suma importância para as mães que estudam, é um apoio, ou seja, podemos ficar tranquilas trazendo nossos filhos, pois sabemos que estão seguros e pertinho da sala de aula” (MÃE 2);

“Importantíssima para as mães estudantes que nem sempre tem rede de apoio para ajudá-las” (MÃE 3).

A partir das falas das mães/discentes, é possível constatar o quanto elas demonstram satisfação em contar com esse espaço dentro da universidade. A Brinquedoteca universitária se configura, portanto, como uma rede de apoio fundamental, que permite às estudantes conciliar, de forma positiva, a maternidade e os estudos, sem que sejam excluídas ou prejudicadas pela condição de serem mães.

Contudo, essa não é uma realidade presente em todas as instituições de ensino superior. Infelizmente, ainda persiste um índice expressivo de evasão por parte de estudantes-mães, em decorrência da ausência de políticas e espaços de apoio que favoreçam a conciliação entre as demandas acadêmicas e os cuidados maternos.

Silvana Bitencourt (2011) aponta que as mulheres que escolhem conciliar a formação acadêmica com a maternidade vivenciam conflitos em incorporar o discurso da produtividade focado na dedicação exclusiva, pois necessitam de tempo para atender a outras demandas, como os cuidados com a família. Dessa forma, observamos que as três participantes da pesquisa (MÃE 1, MÃE 2 e MÃE 3) expressam percepções bastante alinhadas quanto à importância da Brinquedoteca do CAP/UERN. Elas reconhecem esse espaço como uma estratégia de suporte não apenas para as estudantes, mas também para servidores/as, docentes e demais membros da comunidade acadêmica que conciliam trabalho, estudos e cuidado com os/as filhos/as.

No que se refere **à contribuição da Brinquedoteca para a permanência das mães no ensino superior** as discentes percebem que:

“Com certeza, torna-se também um ponto de apoio para as mães. É bastante comum que ocorra desistência de mães por não ter rede de apoio para que consiga estudar. Com a brinquedoteca ao menos é possível se manter na instituição com o filho em um bom ambiente, confortável e seguro” (MÃE 1);

“Tenho a certeza de que posso contar com quem deixar os meus filhos e posso estudar sem a preocupação se eles vão estar bem ou não. Com isso consigo ir todos os dias para a universidade” (MÃE 2);

“Ficamos mais seguras em saber que nossos filhos estão conosco na faculdade e de certa forma interagindo e aprendendo com outras crianças” (MÃE 3).

Constatamos que as mães/discentes não enxergam a Brinquedoteca apenas como um espaço de recreação infantil, mas, sobretudo, como uma rede de apoio indispensável para aquelas que não possuem com quem deixar as crianças durante o período de aulas. Dessa forma, esse espaço se torna essencial para viabilizar sua

permanência no ensino superior e, conseqüentemente, a conclusão da graduação. Percebemos, ainda, que as participantes reconhecem na Brinquedoteca um ambiente educativo, no qual seus/as filhos/as não apenas são acolhidos/as, mas também vivenciam experiências lúdicas que contribuem para seu desenvolvimento. Esse sentimento de segurança se reflete diretamente na tranquilidade com que as mães podem se dedicar às atividades acadêmicas, sabendo que seus filhos estão bem assistidos.

Diante disso, é possível afirmar que a Brinquedoteca do CAP/UERN assume uma função social relevante, ao se configurar como um instrumento de democratização do acesso e da permanência no ensino superior, especialmente para estudantes que conciliam os desafios da vida acadêmica com a maternidade.

Para Maria de Fátima Paula (2009), o acesso a esse nível de ensino deve vir acompanhado de medidas efetivas que garantem a permanência dos/as estudantes nas universidades. No entanto, isso requer investimento considerável em assistência estudantil e depende do fortalecimento da educação pública em todos os níveis: fundamental, médio e superior.

No que diz respeito **ao papel da Brinquedoteca como uma solução eficaz para conciliar a vida acadêmica e a maternidade**, as discentes afirmaram que:

“À medida que é possível permanecer no mesmo ambiente que minha filha, sabendo que a mesma está perto e segura. Também é gratificante como mãe poder construir um futuro sabendo que minha filha não é o motivo para desistir, mas sim um impulso para continuar a vida acadêmica” (MÃE 1);

“À medida que ela serve de apoio e de ponte entre a vida acadêmica e a maternidade. É muito difícil ser mãe e estudar, pois para nós existem vários obstáculos e a brinquedoteca veio como uma forma de amenizar esses obstáculos, assim eu consigo estudar tranquila, sabendo que eles estão sendo bem cuidados. Eles adoram todo o ambiente da brinquedoteca por ser bem acolhedor” (MÃE 2);

“Com esse auxílio agora na UERN nos permitiu estudar com mais tranquilidade enquanto os nossos filhos estão brincando e aprendendo. Muito bom saber que podemos contar com esse recurso que só soma em nossa vida acadêmica” (MÃE 3).

Considerando os relatos das discentes, é possível perceber o quanto é desafiador ser mãe e universitária, uma vez que matinar, por si só, já não é uma tarefa fácil. Quando se trata de uma mulher que busca construir um futuro profissional e acadêmico, esses desafios tornam-se ainda mais acentuados. Nesse contexto, observamos que a Brinquedoteca do CAP/UERN tem se mostrado uma solução eficaz para que essas mães/discentes consigam conciliar a vida acadêmica com a maternidade, especialmente por não contarem com uma rede de apoio fixa para cuidar dos/as filhos/as durante o período de estudos.

É importante ressaltar que esta realidade diz respeito a uma brinquedoteca específica, que funciona diariamente, acolhendo as crianças, com o apoio de estudantes estagiárias devidamente preparadas para realizar atividades planejadas, além de contar com o acompanhamento pedagógico dos/as docentes vinculados/as ao Departamento de Educação do CAP/UERN.

Para além desse espaço, a UERN também oferece às discentes um auxílio financeiro mensal destinado a cobrir despesas relacionadas aos/as filhos/as, configurando-se como uma medida compensatória frente às desigualdades de gênero, que são ainda mais acentuadas quando se trata de mulheres com filhos/as. Segundo Cury (2005), as políticas públicas de acesso ao ensino superior, voltadas para a inclusão social, constituem medidas compensatórias que visam equilibrar o acesso aos bens sociais, considerando o princípio da igualdade na escolarização e na inserção profissional qualificada.

Dessa forma, concluímos que a Brinquedoteca exerce um papel significativo no contexto universitário, ao promover a inclusão e a permanência das estudantes-mães no ensino superior, de forma democrática. O espaço permite que essas mulheres se dediquem aos estudos com maior tranquilidade, segurança e foco, na medida em que sabem que seus filhos/as estão próximos, bem assistidos/as e inseridos/as em um ambiente acolhedor, que favorece tanto seu desenvolvimento quanto sua aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A brinquedoteca universitária é um espaço dentro da instituição que, além de servir como apoio para mães-estudantes e servidoras, integra a trajetória acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia. No Campus de Patu-RN, trata-se de um dos principais laboratórios do curso, pois é nesse espaço que os/as alunos/as vivenciam, na prática, princípios fundamentais da Educação, conduzindo as crianças em atividades lúdicas que promovem seu desenvolvimento integral.

Diante disso, este trabalho teve como objetivo compreender a função da Brinquedoteca sob a perspectiva das mulheres mães/discentes do curso de Pedagogia do CAP-UERN. Observamos que sua relevância acadêmica e social está diretamente associada à oferta de mais segurança e estabilidade às estudantes durante a graduação, uma vez que esse recurso contribui para a redução das desigualdades de gênero e favorece a permanência das mães no ensino superior.

O modelo de funcionamento da Brinquedoteca do CAP-UERN, portanto, apresenta contribuições significativas para a formação dessas mulheres, proporcionando acolhimento, segurança e desenvolvimento para seus filhos. Os resultados revelaram que, embora as mães/discentes expressem preocupações relacionadas à conciliação entre maternidade e vida acadêmica, todas relataram satisfação em contar com essa rede de apoio dentro da universidade. A existência desse laboratório é essencial para que essas mulheres consigam concluir sua formação no ensino superior, não tendo seus/as filhos/as como um obstáculo, mas sim como motivação para uma trajetória acadêmica de qualidade, com a possibilidade de frequentar as aulas e participar das atividades de forma tranquila e com menos prejuízos à sua formação.

Esperamos que este artigo se configure como um incentivo para futuras pesquisas que abordem a temática da brinquedoteca universitária, considerando que ainda é um campo pouco explorado no meio acadêmico, especialmente no Campus Avançado de Patu. Reconhecemos que se trata de uma área que apresenta fragilidades devido à escassez de estudos, mas que se mostra extremamente relevante, estimulando a produção científica no contexto atual da universidade, onde muitas estudantes conciliam a vida acadêmica com as responsabilidades da maternidade e demandam uma rede de apoio para seus/as filhos/as.

Artigo recebido em: 25/05/2025

Aprovado para publicação em: 05/08/2025

THE SOCIAL ROLE OF THE UNIVERSITY TOY LIBRARY AND ITS CONTRIBUTION TO THE RETENTION OF STUDENT-MOTHERS AT CAP/UERN IN HIGHER EDUCATION

ABSTRACT: The general goal of this research is to understand the role of the Toy Library from the perspective of three female student/mothers in the Pedagogy course at CAP-UERN. As specific goals: to trace a brief track record of the integration of women in Higher Education, to understand what the Toy Libraries are and how they function, to explain the meanings assigned by student/mothers to the Toy Library at CAP-UERN. For that, we conducted an exploratory research in the months of October and November 2023, through interviews, as qualitative data analysis. The theoretical contribution is grounded in Lev Semenovich Vygotsky (1978; 1987), Guacira Lopes Louro (1997; 2004), Lucídio Bianchetti (2014) and Ana Cássia Alves Cunha; Geórgia Paiva (2024). This work seeks to contribute to the research of the Center for Studies and Research in Sexual Diversity and Gender (NUDISEX). As a result: we have noticed that student/mothers express some anxieties about motherhood and academic life, however, all of them claim being satisfied by having this support network so they can manage to finish their desired training in Higher Education.

KEYWORDS: Retention; Mothers/University Students; Maternity; Toy Library.

LA FUNCIÓN SOCIAL DE LA LUDOTECA UNIVERSITARIA Y SU CONTRIBUCIÓN A LA PERMANENCIA DE LAS MADRES/ESTUDIANTES DEL CAP/UERN EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

RESUMEN: Esta investigación tiene como objetivo general comprender la función de la ludoteca desde la perspectiva de tres mujeres madres/estudiantes del curso de Pedagogía del CAP-UERN. Como objetivos específicos: trazar un breve recorrido histórico sobre la inserción de las mujeres en la Educación Superior; comprender qué son y cómo funcionan las ludotecas universitarias; explicitar los significados atribuidos por las madres/estudiantes a la ludoteca del CAP-UERN. Para ello, realizamos una investigación exploratoria en los meses de octubre y noviembre de 2023, por entrevistas y con análisis cualitativo de los datos. El marco teórico se fundamenta en Lev

NÓBREGA, A. A. da; SILVA, M. V. F. da; MAIO, E. R.

Semenovich Vygotsky (1978; 1987), Guacira Lopes Louro (1997; 2004), Lucídio Bianchetti (2014) y Ana Cássia Alves Cunha; Geórgia Paiva (2024). Así, este trabajo busca contribuir a la investigación del Centro de Estudios e Investigación en Diversidad Sexual y Género (NUDISEX). Como resultado, percibimos que las madres/estudiantes expresan algunas inquietudes acerca de la maternidad y la vida académica; sin embargo, manifiestan satisfacción al contar con esta red de apoyo que les permite concluir la formación deseada en la educación superior.

PALABRAS CLAVE: Permanencia; Madres/Universitarias; Maternidad; Ludoteca.

NOTAS

- 1- Página do *Instagram* destinada ao ativismo, à luta pelos direitos e à discussão das peculiaridades e dificuldades do trabalho das mães que são também cientistas.
- 2- Foi um evento crucial na história do Brasil e de Portugal. Ocorreu em 1807, quando a família real portuguesa, liderada pelo príncipe regente Dom João, fugiu de Lisboa para o Rio de Janeiro para escapar da invasão de Portugal pelas tropas de Napoleão Bonaparte.
- 3- Em 1964 um golpe político-militar depôs o presidente João Goulart e marcou o início de um período de 21 anos de ditadura militar no Brasil.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M. L. A. **A História da educação e da Pedagogia:** Geral e do Brasil. São Paulo: Moderna, 2006.

BIANCHETTI, L. Do solitário ao solidário. Relato e reflexões sobre uma práxis em um Programa de Pós-Graduação em Educação. In: OLIVEIRA, Adriano de; ARAUJO, Emília Rodrigues; BIANCHETTI, Lucídio (Orgs.). **Formação do investigador:** Reflexões em torno da escrita/pesquisa/autoria e orientação. 1. ed. Braga, Portugal: CECS/UMINHO/CED/UFSC, PT, 2014a. v. 1. p. 74-93. Disponível em: <http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/issue/view/151>. Acesso em: 04 mar. 2025.

BITENCOURT, S.M. **Candidatas à ciência:** a compreensão da maternidade na fase do Doutorado. 2011. 344f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, 2011.

BOURDIEU, P. **Homo academicus.** Tradução de Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. 2ed.; Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

COULÓN, A. **A condição de estudante:** A entrada na vida universitária. Salvador: Edufba, 2008.

CUNHA, A. C. A.; PAIVA, G. M. F. e. As barreiras à permanência de estudantes mães no ensino superior. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 49, n. 3, p. 1711-1725, 01 set. 2024. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/80342/42138>>. Acesso em: 01 mar. 2025.

CURY, C. R. J. Políticas inclusivas e compensatórias na educação básica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo. v. 35, n. 124, p. 11-32, jan. / abr., 2005.

_____, C. R. J. Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.116, p. 245-362, jul. 2002.

LOBÃO, G. L. C. **Os arquétipos femininos nos contos de fadas clássicos e nas versões contemporâneas**. 2023. 77 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza - Ce, 2023. Disponível em: <[file:///C:/Users/brend/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/TDCTLBQS/2023_dis_glclobao\[1\].pdf](file:///C:/Users/brend/AppData/Local/Microsoft/Windows/INetCache/IE/TDCTLBQS/2023_dis_glclobao[1].pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2025.

L., Silmara; RAMBO, C.Alberto; FERREIRA, J.L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023141,2023.e-ISSN: 1982-5587. DOI:<<https://doi.org/10.21723/riaee.v18i00.17958>>.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós -estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 443-481.

O POTI NEWS. **Número de potiguanes com ensino superior triplicou nos últimos 22 anos, aponta IBGE**: a taxa de frequência escolar aumentou principalmente entre crianças e jovens. 2025. Disponível em: <[https://opoti.com.br/numero-de-potiguanes-com-ensino-superior-triplicou-nos-ultimos-22-anos-apontaibge/#:~:text=26\)%20pelo%20IBGE,A%20taxa%20de%20frequ%C3%Aancia%20escolar%20aumentou%20principalmente%20entre%20crian%C3%A7as%20e,15%2C1%25%20em%202022](https://opoti.com.br/numero-de-potiguanes-com-ensino-superior-triplicou-nos-ultimos-22-anos-apontaibge/#:~:text=26)%20pelo%20IBGE,A%20taxa%20de%20frequ%C3%Aancia%20escolar%20aumentou%20principalmente%20entre%20crian%C3%A7as%20e,15%2C1%25%20em%202022)> . Acesso em: 25 mar. 2025.

PAULA, M. F. de. As políticas de democratização: do acesso ao ensino superior do governo Lula. **Revista Advir**, nº 23, 2009, p. 123-147.

REIS, N. V. dos. **Maternidade e trabalho**: análise semiótica de histórias de vida de estudantes da área de Letras. 189f. 2020. Doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura. Universidade Federal do Tocantins – UFT, Campus de Araguaína, 2020.

NÓBREGA, A. A. da; SILVA, M. V. F. da; MAIO, E. R.

SANTOS, P. S.; DIAS, L. C.; VIAN, C. E. F.. **Evolução do Ensino Superior no Brasil: da Expansão do Acesso às Condições de Permanência**. Revista de Desenvolvimento Econômico (Impresso) , v. 25, p. 232-257, 2024.

URPIA, A. M. de O.; SAMPAIO, S. M. R. Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade - vida universitária. **Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras**, vol. 3 (2), p. 30-43, 2009.

VITTI, S. C. de A. ACESSO E PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR. **A Educação enquanto fenômeno social: Ciência, cultura e políticas públicas** 4. 1ed. Ponta Grossa PR: Atena Editora, 2025, v. 4, p. 140-149.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jefferson Luiz Camargo São Paulo: Martins Fontes, 1978.

VYGOTSKY, L. S.. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

ZORZE, P. F. do P. **Brinquedoteca e suas contribuições aos processos de ensino e de aprendizagem de crianças da educação infantil**. 2012. 28f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira - PR, 2012. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/21014/2/MD_EDUMTE_I_2012_19.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2025.

ANDRÉIA ARAÚJO DA NÓBREGA: possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN (2008) e Mestrado em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística - PROLING, Universidade Federal da Paraíba – UFPB (2012). É doutoranda no Programa de Pós-graduação em Educação (PPE) da Universidade Estadual de Maringá. Atua como professora do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) no Campus Avançado de Patu-RN.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3182-9175>

E-mail: andreiaaraujo@uern.br

MADÉLYNE VITÓRIA FERNANDES DA SILVA: possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) no Campus Avançado de Patu-RN. Atua como professora do município de Almino Afonso-RN.

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-9651-4512>

E-mail: vitoriamadelyne@gmail.com

ELIANE ROSE MAIO: possui graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (1984), Mestrado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis (2002), Doutorado em Educação Escolar - UNESP/Araraquara (2008),

Pós-doutorado em Educação Escolar na UNESP/Araraquara, com a temática da Trajetória da Educação Sexual no Brasil. É professora da Universidade Estadual de Maringá, no Programa de Pós-graduação em Educação (PPE) e líder do grupo líder do grupo de pesquisa CNPq, intitulado Núcleo de Pesquisa e Estudo em Diversidade Sexual - NUDISEX.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9280-9864>

E-mail: ermaio@uem.br

Este periódico utiliza a licença *Creative Commons Attribution 3.0*, para periódicos de acesso aberto (*Open Archives Initiative - OAI*).